

# A biografia como acontecimento jornalístico



*Virginia Pradelina da S. Fonseca*

*Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS)  
Professora, pesquisadora e orientadora da Graduação e  
da Pós-graduação da Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação (UFRGS)  
E-mail: vpradelina@uol.com.br*

*Karine Moura Vieira*

*Doutoranda no Programa de Pós-graduação  
em Ciências da Comunicação (Unisinos)  
Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS)  
E-mail: karinemourav@terra.com.br*

**Resumo:** O artigo tem o objetivo de analisar o gênero biografia como um acontecimento jornalístico. Para isso, primeiramente faz-se uma revisão bibliográfica sobre o conceito de acontecimento e sua apreensão pelo jornalismo. A seguir, discorre-se sobre o gênero biografia, sua definição e seus usos por distintos campos do conhecimento, como história, literatura e pelo próprio jornalismo enquanto prática social. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre a biografia como acontecimento jornalístico a partir da análise dos registros da história de vida da cantora Maysa.

**Palavras-chave:** acontecimento, acontecimento jornalístico, biografia, Maysa.

## *La biografía como acontecimiento periodístico*

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo analizar el género biografía como acontecimiento periodístico. Para esto, en un primer momento se hace una revisión bibliográfica del concepto acontecimiento y su apropiación desde el periodismo. A seguir, se reflexiona sobre el género biografía, su definición y usos por distintos campos de conocimiento como la historia, la literatura y por el propio periodismo como practica social. Finalmente, se propone una reflexión de la biografía como acontecimiento periodístico a partir del análisis de los registros de vida de la cantante Maysa.

**Palabras clave:** identidad de la ciencia, polifonía, periodismo, voces, discurso.

## *The biography as a journalistic event*

**Abstract:** This paper aims to analyze the genre biography as a journalistic event. To start with, a bibliographical review was carried out about the concept of “event” and the way journalism has apprehended it. Next, the paper focuses on the biography as a genre, its definition and its uses by different areas of knowledge, such as history, literature and by journalism itself as a social practice. Finally, the article proposes some reflection on the genre as a journalistic event from the analysis of the records about the life story of the Brazilian singer Maysa.

**Keywords:** event, journalistic event, biography, Maysa.

## 1. Acontecimento/acontecimento jornalístico

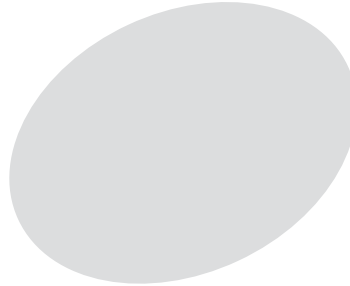
Para abordar o tema, parte-se de um pressuposto do senso comum: a matéria-prima do jornalismo é a informação, que é produzida, posta em circulação e “consumida” na forma de notícia<sup>1</sup>. Essa informação, no entanto, precisa apresentar determinadas características para ser transformada em notícia, e vários autores já se ocuparam de relacioná-las, podendo-se citar, entre as mais conhecidas, as de veracidade, atualidade, impacto e interesse público.

As de veracidade nos permitem afirmar que as informações com valor jornalístico têm de apresentar, necessariamente, referência no real. Seja um fato, um fenômeno, uma declaração, um gesto, uma atitude de uma personalidade ou de um anônimo, precisa

<sup>1</sup> A categoria notícia, aqui, é concebida em sentido amplo, isto é, inclui todos os gêneros de relato produzidos pela prática jornalística nos meios impressos – notícias em sentido estrito, notas, reportagens e as várias modalidades de entrevista.

ancorar-se na realidade. Por essa razão, as notícias são uma das formas possíveis de reprodução, ou relato, dos acontecimentos do mundo – sejam sobre a tragédia das chuvas no Rio de Janeiro e a paralisação dos aeroportos europeus causada pelas cinzas vulcânicas da Islândia, em abril de 2010, sejam sobre a vida e obra de Assis Chateaubriand ou

*Enquanto acontecimento midiático, a finalidade da notícia é a de relatar o que ocorre no espaço público*



sobre a cantora Maysa. As notícias registram acontecimentos. Como bem observa Sodré (2009:27), “o real da notícia é a sua ‘factualidade’, a sua condição de representar um *fato* por meio do *acontecimento jornalístico*” (grifo do autor).

Mas o que é um acontecimento? Autores como Charaudeau (2007), Mouillaud (1997), Rodrigues (1993) e Sodré (2009) não distinguem entre acontecimento e fato. Embora os trate como sinônimos, Charaudeau diz que se fosse fazer a distinção diria que o fato é uma configuração concreta particular do acontecimento. Para o autor francês, o acontecimento é sempre uma construção de sentido que se situa no âmbito do que chama de “mundo a comentar” (da esfera da produção), que não coincide necessariamente com o “mundo comentado” (da esfera da recepção).

O acontecimento se encontra nesse “mundo a comentar” como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Assim sendo, o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar

que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível (Charaudeau, 2007:95).

Mais sucinto, Mouillaud (1997:51) diz que “o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito do ‘fato’”, enquanto Rodrigues (1993) define-o como tudo o que irrompe na superfície lisa da história, entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais.

No Brasil, onde o aprofundamento do tema no campo do jornalismo encontra-se incipiente, uma das mais importantes contribuições é dada por Muniz Sodré, que incorpora de Kant a concepção de que fato é um conceito para objetos cuja realidade pode ser provada. Sendo assim, constitui espaço disponível ao observador para atribuição de algum sentido à ocorrência. Na prática, diz, o acontecimento pode ser tomado como sinônimo de fato sócio-histórico. Observa, entretanto, que “enquanto o acontecimento se pauta pela atualidade, [...] por uma experiência singular na temporalidade do *aquí e agora*, o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual” (Sodré, 2009:33).

Visando circunscrever a notícia ao conceito de acontecimento, o autor recorre à imagem de “sombra projetada”, de Mouillaud (1997), para dizer que esta responde a critérios como singularidade, acidentalidade, improbabilidade, unicidade, desvio, proeminência, pregnância, etc., e que estes seriam critérios que supõem a atenção ou a percepção de um público. Para Sodré, não existe acontecimento sem “sujeitos de percepção”. O exemplo que dá, embora usado para assinalar as coincidências entre o espírito do jornalismo e o do positivismo, é esclarecedor:

[...] é um fato bruto que existe uma grande estátua do Cristo Redentor no topo do morro conhecido como Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro. Mas como ou por que aquela estátua foi ali colocada, ou então a sua escolha como uma das maravilhas do mundo são casos potencialmente informativos. A informação jornalística parte de

objetos primariamente tidos como factuais, para obter, por intermédio do acontecimento, alguma clareza sobre o fato sócio-histórico (Sodré, 2009:32).

Na mesma perspectiva, Charaudeau também explicara que:

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo (Charaudeau, 2007:131).

Como categoria de análise, o conceito de acontecimento é apreendido distintamente pelos diversos campos do conhecimento, como história, sociologia, política, lingüística, literatura. Para o jornalismo, acontecimento é o fato digno de registro na forma de notícia em qualquer dos seus estilos, incluída a entrevista.

Ao longo do tempo, vários autores vêm se dedicando a definir notícia, limitando-se a relacionar as características do fenômeno/evento (valores-notícia) ou o estilo do seu registro textual, como fazem a maioria dos manuais de redação. Sodré (2009) sistematiza algumas dessas tentativas, e as avalia como extensas, mas insuficientes – por imprecisão conceitual, por dificuldades inerentes a critérios internos da prática profissional ou por precariedade teórica<sup>2</sup>. Para os objetivos deste texto, entretanto, toma-se como satisfatória a definição de Charaudeau, que propõe chamar notícia:

a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo

<sup>2</sup> O pesquisador brasileiro questiona a própria necessidade teórica de uma definição, argumentando que, em meio à crise evidente das formas tradicionais de jornalismo diante da circulação de informações através da Internet em tempo real e fluxo contínuo, o estatuto conceitual da notícia suscitaria considerações de ordem prática para a corporação editorial, inclusive o de saber se os tradicionais produtores do texto jornalístico ainda podem determinar o que é ou não notícia, isto é, determinar se a corporação profissional a que pertencem ainda detém o controle absoluto sobre o produto básico do discurso informativo (Sodré, 2009:23).

um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado. Um mesmo espaço temático: significa que o acontecimento, de algum modo, é um *fato* que se inscreve num certo *domínio* do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um *minirrelato* (Charaudeau, 2007:132) (grifos do autor).

Dessa forma, pode-se dizer que o acontecimento jornalístico é um acontecimento de natureza especial, que se distingue do número indeterminado dos acontecimentos em função de uma hierarquia, de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência, como explica Rodrigues:

Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto. Todos os factos regidos por causalidades facilmente determináveis ficam fora do seu alcance, ao passo que o acontecimento jornalístico irrompe sem nexos aparentes nem causas conhecidas e é, por isso, notável, digno de ser registrado na memória (Rodrigues, 1993:28).

Enquanto acontecimento midiático, a finalidade da notícia, como observa Charaudeau (2007:101), é a de relatar o que ocorre no espaço público. Sendo assim, o acontecimento que lhe precede é selecionado e construído em função do seu potencial de “atualidade”, “socialidade” e “imprevisibilidade”.

Contudo, o próprio autor pondera que os acontecimentos do mundo com essas características são em número bem superior aos tratados nas e pelas mídias, sendo conveniente perguntar-se, por exemplo, o que preside escolhas que resultam em relatos como os constituídos pelas biografias famosas feitas por jornalistas sobre personalidades amplamente conhecidas – como a de Assis Chateaubriand e Paulo Coelho, de Fernando Morais, de Garrincha, feita por Ruy Castro, ou a do Pe. Cícero e de Maysa, de autoria de Lira Neto. Conforme Charaudeau, essa seleção seria feita em função de dados mais ou menos objetivos em relação a *tempo*, a *espaço* e *hierarquia*.

Como as mídias teriam a tarefa de dar conta dos acontecimentos que se situam numa co-temporalidade enunciativa, Charaudeau (2007) avalia que elas tentam aproximar ao máximo dois momentos opostos na cadeia temporal: o instante do surgimento do acontecimento (da produção e da saída do produto midiático) e o instante do consumo da notícia. Para o autor, cada suporte de difusão (imprensa, rádio, televisão) o faz à sua maneira, em função dos meios técnicos que lhe pertencem. O que seria comum a todos é o quadro temporal que define a notícia como atualidade. O critério de atualidade seria, portanto, o que responde à pergunta “o que passa neste momento?” e daria à notícia seu caráter factual desprovido, em princípio, de qualquer qualificação subjetiva e de qualquer tentativa de explicação de sua razão de ser. O caráter de co-temporalidade que define a atualidade midiática, entretanto, não deve ser confundido com o de outros domínios. Neste aspecto também o acontecimento jornalístico distingue-se do acontecimento para outros campos do conhecimento.

A contemporaneidade midiática está no fato de a aparição do acontecimento ser o mais consubstancial possível ao ato de transmissão da notícia e a seu consumo. Eis porque é preferível falar [...] de co-temporalidade em vez de contemporaneidade (Charaudeau, 2007:133).

A noção de atualidade seria, pois, central no contrato midiático. Por isso, a obsessão pelo presente. Contudo, quando se trata especificamente de uma das modalidades de relato jornalístico, ou de uma modalidade de entrevista particularmente – a biografia –, pode-se perceber que esta se aproxima da idéia de acontecimento como apreendida pela história, embora o viés jornalístico ressuscite esse acontecimento desvelando-lhe atributos de temporalidade perpassados por elementos de atualidade.

A seleção em função do espaço responderia à necessidade de reportar os acontecimentos ocorridos em locais próximos ou afastados daquele em que se encontra a

instância da recepção. O afastamento espacial obrigaria as mídias informativas a dotarem-se de meios técnicos para descobri-los e alcançá-los. Para o autor em referência, a instância da recepção fica, assim, na posição ilusória de ver, ouvir ou ler o que se passa em diversas partes do mundo ao mesmo tempo, o que gera um sentido de ubiqüidade. O receptor do Sul do Brasil que “consome” a biografia do Pe. Cícero, personagem vinculado ao imaginário do Nordeste brasileiro, mantém com esse acontecimento a mesma proximidade relativa a uma eventual biografia de Teixeira, personalidade do cantor popular gaúcho, embora este tenha um interesse particular pela proximidade que mantém com o espaço físico da instância da recepção. Charaudeau (2007) acredita que a questão do espaço revela o antagonismo existente no ser humano, que se debate entre dois imaginários para modelar sua identidade: o da aldeia e o do planeta. As mídias estariam presas a esses dois imaginários, que determinariam dois tipos de público – aqueles que se apegam à aldeia e aqueles que sonham com o planeta. O sonho de toda organização midiática, acredita o autor, seria atingir ao mesmo tempo os dois tipos de público.

Por fim, a seleção em função da hierarquia ocorreria em função da necessidade de um recorte do espaço público e de certa configuração do acontecimento. Para o autor, a questão é saber quais os critérios dessa seleção, que seriam de dois tipos: internos e externos. Os externos estariam voltados para o modo de aparição do acontecimento, e poderiam ser classificados como acontecimento factual inesperado<sup>3</sup>, acontecimento programado<sup>4</sup> e acontecimento suscitado<sup>5</sup>. Já os critérios

<sup>3</sup> Não é previsto pelos sistemas de expectativa da vida social. É o acontecimento-acidente (catástrofes naturais, furacões, inundações, etc.).

<sup>4</sup> Previsto num calendário que pontua a organização e o desenvolvimento da vida social (campeonatos esportivos, eventos culturais, rituais da vida política institucional).

<sup>5</sup> Preparado ou provocado por tal e qual setor institucional (particularmente pelo poder político), que faz pressão junto às mídias com fins estratégicos (desviar atenção, provocar descontentamento com uma medida, revelar um escândalo).

internos seriam aqueles relativos às escolhas operadas pela instância midiática em função do princípio de saliência, já referido.

Na seção a seguir procura-se delinear a biografia como objeto de estudo, tomando-a em seu conceito e em seus usos pelos distintos campos do conhecimento, para, por fim, analisar uma das histórias de vida da cantora Maysa como acontecimento jornalístico.


## 2. Biografia: um gênero híbrido

Situada na fronteira entre história e literatura, ao longo dos últimos anos a biografia vem passando por uma transformação de valorização e de representatividade como abordagem histórica e social. O *leitmotiv* do gênero passou de problema a virtude. O contar a história a partir da trajetória de vida daqueles que a viveram já foi visto pela historiografia como um caminho pouco seguro, sob a perspectiva totalizante e estruturalista de que a busca por uma unidade do eu no relato biográfico se convertia em impossibilidade. A subjetividade pertinente ao relato biográfico era objeto de desconfiança.

Na Antigüidade, as trajetórias de personalidades ilustres da Grécia e de Roma foram narradas em obras de Plutarco, no século II d.C, um dos grandes expoentes da biografia helenística. Naquele período, esse tipo de relato era visto apenas como um gênero literário, onde a valorização do homem, do indivíduo ilustre e o seu caráter exemplar era o principal elemento da narrativa. Nesse mesmo período, a história surgia como campo de conhecimento, definindo os seus interesses sob um viés totalizante, calcado na urgência da análise dos acontecimentos políticos, sociais e militares e no entendimento da estrutura social, da coletividade e da veracidade dos fatos, o que não comportava a subjetividade da biografia e seu foco na singularidade da existência de um indivíduo.

O paradigma biográfico foi evoluindo e adaptando-se às circunstâncias de cada período histórico, com alguma renovação. Na Idade Média as narrativas de histórias de

vida seguiram o legado da Antigüidade, com a exaltação dos reis, convertidos em heróis, e membros da Igreja Católica, transfigurados em santos. Foi a época das hagiografias (biografias de santos). A glorificação de personalidades ilustres pelo relato de suas trajetórias ajudou a ilustrar a história ao longo dos séculos, mas continuou a ser vista com certo distanciamento pelos historiadores, que manti-



*A biografia, sendo uma das modalidades do relato jornalístico, se aproxima da idéia de acontecimento como apreendida pela história*

veram os relatos das histórias de vida restritos ao campo literário, principalmente pelo caráter romanesco dos textos. Motta (2000) explica que essa percepção de inadequação do gênero à ciência historiográfica vincula-se à idéia de que contar a história a partir da observação da vida de um indivíduo dentro de uma coletividade poderia ser “arbitrário”.

Na medida em que a historiografia privilegiava as análises de natureza econômica ou sociológica, parecia “arbitrário”, e mesmo “perigoso”, selecionar um indivíduo dentro da massa de homens que fizeram e que fazem a história. Mais grave ainda era admitir a possibilidade de que essa história de vida pudesse fornecer elementos de compreensão do todo social. Além disso, havia ainda o risco de o historiador se deixar envolver pelos “sentimentos” de seu biografado, o que lhe retiraria a capacidade crítica e o distanciamento indispensáveis ao ofício de pesquisador (Motta, 2000:2).

A subjetividade foi vista com restrições também por Bourdieu (1986), que, no entanto, atribuía a dificuldade para a construção biográfica também à impossibilidade



de ajustar em um relato toda a dimensão de uma existência. O sociólogo chegou a cunhar a expressão “ilusão biográfica” para argumentar que o gênero não suportava a complexidade de narrar a trajetória de um indivíduo como uma história – com começo, meio e fim – e, ao mesmo tempo, sustentar

*No jornalismo,  
as tensões mais  
evidentes também se  
apresentam em razão  
de conceitos e ques-  
tionamentos internos  
ao próprio campo*



o pertencimento desse personagem em um contexto histórico, social e cultural. Para o autor, não é possível compreender a trajetória sem que sejam

previamente construídos os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo tempo e confrontados no mesmo espaço dos possíveis (Bourdieu, 1986:190).

O ostracismo a que a história relegou a biografia tomou proporções ainda maiores com a *École des Annales*, no início do século XX. Motta explica que a escola dos historiadores, por sua “cientificação”, com a utilização, sobretudo, de métodos documentais, “representou o primeiro embate ao método biográfico, ao mesmo tempo comprometido com a liberdade ficcional e descomprometido com o rigor da investigação e verdade histórica” (Motta, 2000:5). Mas a renovação dos anos 1980, decorrente de uma ampla reflexão no campo das ciências humanas, e o “declínio radical das teorias e dos saberes

sobre os quais a história havia ancorado seus avanços nos anos sessenta e setenta” (Motta, 2000:6) trouxe uma nova luz para a biografia. Essa mudança de paradigma revela, de acordo com Schmidt (1997), um recuo da história quantitativa serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história. A historiografia volta-se, então, para o particular na tentativa de compreender a história total, e o indivíduo passa a ser visto também como protagonista. Alberti explica esse novo panorama da pesquisa histórica, em que a subjetividade antes vista como um problema adquire valor de objeto do pensamento científico com a utilização da história oral na formação de fontes.

[...] temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o lócus privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia (Alberti, 2000:1).

Gênero “impuro”, como qualifica Dosse (2009), a biografia tem, na sua gênese, a vertente literária. O factual da vida encontra no ficcional da obra a forma de se constituir como relato. Além dos historiadores, muitos foram os escritores que fizeram do gênero uma seara para a literatura. As implicações sobre o ato de biografar, porém, são outras. Para a literatura, ao contrário da história, a subjetividade não é um problema, mas uma circunstância inerente ao gênero, como no romance. No campo literário, o hibridismo biográfico é entendido como uma característica a ser aceita e trabalhada visando à sua excelência.

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de repro-

duzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo a sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo do gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e de dimensão ficcional (Dosse, 2009:55).

Assim como na história, também na literatura a biografia foi ganhando contornos diferentes ao longo tempo. O relato amplo com bases factuais era o modelo no século XVIII. Já no século XIX, apresenta-se um novo texto, mais próximo da hagiografia, com uma quase canonização dos biografados, sempre registrando trajetórias exemplares. O modelo ambivalente e paradoxal ancorado nos pólos do factual e da ficção ganha espaço no século XX, quando o gênero biográfico e o romance moderno se aproximam. Dosse identifica a cristalização desse tipo de escrita no trabalho de Virginia Woolf, que defendia a necessidade de o autor saber dosar o ficcional e o factual para tentar captar de forma mais ampla a existência biografada, não apenas na quase infinita apuração dos fatos em arquivos, documentos, diários, etc., mas, também, fazer o exercício criativo de buscar expressar a interioridade do indivíduo. Para a autora, “o romancista goza de liberdade; o biógrafo está manietado” (Woolf *apud* Dosse, 2009:62). A romancista defende, porém, que se “a verdade da ficção e a verdade dos fatos são incompatíveis” [...] o biógrafo “deve mais do que nunca tentar combiná-las” (Woolf *apud* Dosse, 2009:63).

No campo do jornalismo, as tensões mais evidentes também se apresentam em razão de conceitos e questionamentos internos ao campo. O jornalista traz para a construção do projeto biográfico os referenciais epistemológicos do seu ofício. O “eu” jornalista dá lugar a um “eu” biógrafo, personalidade de identidade ambígua que abriga o jornalista e o escritor. Para o jornalista, enquanto biógrafo,

a biografia é um produto de consonância e dissonância entre o factual e o ficcional, e a subjetividade do relato biográfico e o como dizer esta narrativa se interpõem como imbricações conflitantes do fazer biográfico, como na historiografia. Dosse (2009) exemplifica esse tensionamento mostrando o caso de Jean Lacouture, jornalista francês que se sagrou “profissional da biografia”. Segundo o autor, esse jornalista fez da escrita biográfica um ofício ao traçar a vida de personagens como o general De Gaulle e, por meio dela, criou um modelo de produção em que os limites entre história e jornalismo se sobrepõem, em uma intersecção distinta. “Lacouture insistirá em mostrar a fecundidade de um procedimento de pesquisa que recolhe os testemunhos orais cruzando-os com as fontes escritas, mesclando a relação do jornalista com a instantaneidade e o esforço de objetivação do historiador” (Dosse, 2009:119).

O “modelo Lacouture” orienta a produção biográfica dos jornalistas brasileiros que, hoje, tem no gênero um ofício. Um dos primeiros exercícios de escrita biográfica que ajudou a constituir o gênero no país, pelo jornalismo, foi o livro *Morte no paraíso* (1981), de Alberto Dines, sobre Stefan Zweig. Na sua esteira, ainda na década de 1980, Fernando Morais lança *Olga* (1985) – sobre Olga Benário Prestes, lendária militante alemã do Partido Comunista e mulher do líder comunista brasileiro Luis Carlos Prestes, que foi presa durante o Estado Novo e entregue aos nazistas por Getúlio Vargas, vindo a morrer num campo de concentração na Alemanha. Quase dez anos depois do sucesso de *Olga*, Morais consolidou sua condição de biógrafo em *Chatô: o rei do Brasil* (1994), sobre o empresário Assis Chateaubriand, fundador do grupo Diários e Emissoras Associados. Sua mais recente investida foi *O mago* (2008), sobre o escritor Paulo Coelho – a primeira biografia escrita por ele de um personagem vivo.

Com uma trajetória de sucesso semelhante, Ruy Castro firmou-se como biógrafo pelas produções de *O anjo pornográfico* (1992),

sobre o escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues, *A estrela solitária* (1995), sobre o jogador de futebol Garrincha, e também com a biografia Carmem (2005), sobre Carmem Miranda, ícone da música popular brasileira.

Atualmente, muitos outros jornalistas vêm procurando na biografia uma nova vertente para o exercício da reportagem de fôlego, buscando desvendar as trajetórias de vida de personagens que fazem parte do imaginário coletivo, seja nas artes, na política, vultos que já foram até investigados em outras obras, mas que pela multiplicidade de facetas de sua existência, permitem uma nova busca do fazer biográfico. Sujeitos do seu tempo, esses personagens, ao terem suas existências resgatadas pelos biógrafos, são apresentados com um novo significado, não como uma reinvenção da sua existência, mas com outra possibilidade de entendimento e registro de memória e de valor da sua trajetória.

Algumas biografias trouxeram à história dos biografados um *revival* do seu legado, como no caso do livro *Maysa: só numa multidão de amores* (2007), do jornalista Lira Neto sobre a cantora Maysa Matarazzo. A obra serviu de base para a minissérie *Maysa*, produzida pela Rede Globo e exibida em 2009, e suscitou o interesse da indústria cultural, que fez o relançamento de discos e gravações de suas composições. O mais recente trabalho de Lira Neto é sobre o popular mito religioso do nordeste brasileiro – *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, lançado em novembro de 2009, em que narra a trajetória do religioso que atrai milhares de devotos ao sertão do Cariri, em Juazeiro do Norte (Ceará).

A seguir, procura-se analisar as imbricações do paroxismo entre o factual e o ficcional, visando a circunscrever a biografia à condição de acontecimento jornalístico.

### **2.1. Maysa: a biografia como acontecimento**

Ao se tomar a biografia como acontecimento jornalístico, pode-se identificar mo-

mentos diferentes do fenômeno na sua emergência e apropriação pela mídia: a biografia em si – a inclusão do lançamento da obra na agenda dos veículos; o biografado – que tem a sua história de vida resgatada; e, em alguns casos, os desdobramentos da biografia em outros produtos e suportes, como filmes e minisséries, e a transformação desses novos produtos em notícia. A partir dessa perspectiva faz-se necessário observar aqui o engendramento da relação acontecimento e mídia, que se revela simbiótica, com uma interação para além da categorização do acontecimento pelos veículos, onde o que se estabelece é uma negociação entre sistema informativo e o aparecimento do acontecimento.

O que faz com que um acontecimento adquira a condição de notícia? Wolf *apud* Alsina (2009) refere-se à existência de um “limiar noticiável”, em que se estabelece uma complexa rede do sistema de informação que se constitui com regras para a seleção dos acontecimentos – como veracidade, atualidade, interesse público, e as rotinas produtivas e os valores-notícia dos jornalistas e dos veículos. Sob o viés dessa negociação, observa-se na história de vida da cantora Maysa, por exemplo, as dimensões do contrato de informação midiática decorrentes do relato biográfico do jornalista Lira Neto – da sua constituição como acontecimento e dos desdobramentos desse acontecimento em produto midiático, como notícia.

A biografia de Lira Neto trouxe à tona a história de vida da personalidade polêmica que foi Maysa, cantora cuja trajetória estava no imaginário e na memória nacional, mas que já não fazia parte da agenda da mídia como na época em que viveu e fez sucesso na carreira. Retomando a noção apresentada por Charaudeau sobre a construção do acontecimento em função do seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade, é possível explorar algumas das circunstâncias que contribuíram para que essa biografia se tornasse um acontecimento midiático, assim como a história de vida de Maysa. A cantora



deixou sua marca na música popular brasileira, porém, mais de 30 anos depois de sua morte, era quase desconhecida para uma geração que poucas referências tinha sobre ela.

A biografia de Lira Neto trouxe à tona o “particularmente notável” (Chareau, 2007), posto em evidência pelo recorte, em que o ineditismo das fontes – os diários da artista e o acervo particular de seu filho, o diretor de TV Jayme Monjardim – contribuiu para a reconstrução da sua história, numa operação de registro de uma nova memória sobre a trajetória dessa personalidade, agora potencializada como acontecimento pela biografia. No mesmo ano do lançamento do livro de Lira Neto, o jornalista Eduardo Logullo lançou a biografia *Meu mundo caiu: a bossa e a fossa de Maysa*, sobre a mesma personagem. Logullo tomou como base para seu relato o conhecimento da história da MPB e entrevistas e depoimentos de contemporâneos de Maysa. Cada uma dessas histórias revela para o leitor uma nuance da identidade da cantora, em que, apesar de fatos comuns de sua trajetória aparecerem em ambas, a maneira como são narrados é o que os diferencia. O enquadramento de memória da história de vida da personagem se manifesta de acordo com as escolhas de cada um dos jornalistas, a partir dos valores de memória que estabeleceram.

Uma mesma figura, objeto de duas biografias com perspectivas distintas, passa a ser consumida pela mídia a partir da representatividade de uma trajetória de vida que se constituiu como acontecimento pela sua estruturação discursiva, enquanto relato biográfico. Portanto, pelos sentidos que recebeu dos biógrafos e dos distintos elementos constitutivos do sistema informativo representado pela mídia.

Em outro nível da transformação dessa biografia em acontecimento jornalístico, a personagem volta a ser notícia com a exibição da minissérie dirigida pelo filho da biografada, com um agendamento muito mais amplo, provocado inclusive pela polêmica

sobre a suposta distância entre o relato da TV e a história contada por Lira Neto, que teria servido de fonte para a produção televisiva. Lira Neto foi a público dizer que a Maysa de sua biografia não era a Maysa da tela da Rede Globo. Como se pode obser-



*Jornalistas buscam na biografia um exercício para a reportagem de fôlego, desvendando a vida de personagens que fazem parte do imaginário coletivo*

var, o enquadramento de memória da história de vida da personagem se manifesta de acordo com as escolhas de cada um dos seus narradores (nas biografias e na minissérie), a partir dos valores de memória que eles, em linguagem e suportes distintos, estabeleceram. Trata-se da desconstrução da “narrativa do eu” e da celebração da mobilidade do eu, a partir da multiplicação dos cenários culturais e de modelos referenciais em que o indivíduo está inserido, numa operação semelhante à observada por Hall ao abordar a questão das identidades na modernidade tardia.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2000:13).

As dimensões do contrato de informação midiático para a configuração da biografia como acontecimento, na observação do caso da cantora Maysa Matarazzo, evidenciam que o limiar noticiável se manifesta, principal-

mente, no “propósito” da negociação. Como define Charaudeau, “o propósito recorta o mundo em um certo número de universos de discurso tematizados, transformando-os em rubricas, tratando-os segundo critérios de atualidade, de socialidade e de imprevisibilidade, assegurando-lhes assim uma visibilidade [...] e produzindo um possível efeito de captação (Charaudeau, 2007:103).

### 3. Considerações finais

Como se pode concluir da discussão aqui realizada, a transformação do relato de uma história de vida, na forma de biografia, em um acontecimento jornalístico obedece à mesma lógica e dinâmica que transforma um fato do vasto mundo a comentar em uma notícia. Independentemente do tamanho, da profundidade e extensão do trabalho de pesquisa e apuração, ou do estilo de

escrita, o acontecimento jornalístico só adquire essa condição depois de passar pelo processo de atribuição de sentido de um “sujeito de percepção” (Sodré, 2009). Uma biografia, seja produzida por um jornalista, um historiador ou um escritor, assim como qualquer outro evento digno de registro pelos distintos campos do conhecimento, será sempre o relato feito a partir da seleção de determinados ângulos, de determinado ponto de vista, cuja significação dependerá do olhar de quem o produz e dos sentidos atribuídos a essas escolhas pelo olhar da recepção. Em outras palavras, precisa ser apreendida para além do estado bruto, concreto, do fato que lhe dá origem e se apresentar com o potencial de saliência reivindicado por Charaudeau (2007). Portanto, as biografias são exemplares na compreensão do conceito de acontecimento jornalístico.

(artigo recebido mai.2011/aprovado out.2011)

## Referências

- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- BORDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CHARAUDEAU, Partrick. **Discurso das mídias**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LACOUTURE, Jean. “Profession biographe. Conversations avec Claude Kiejman”. In: DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009, p. 115.
- LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOTTA, Luis Gonzaga. “Análise pragmática da narrativa jornalística”. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 143-167.
- MOTTA, Marly Silva da. “O relato biográfico como fonte para a história”. *Vida*, n. 34, 2000.
- MOUILLAUD, Maurice. “A crítica do acontecimento ou o fato em questão”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 49-83.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. “O acontecimento”. In: TRAUQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993, p. 27-33.
- SCHMIDT, Benito B. “Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos”. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, Rio de Janeiro, 1997.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.